

## ÉTICA, LIBERDADE E ANGÚSTIA EM SARTRE: A POSSÍVEL CONSTRUÇÃO DO NÓS

## ÉTHIQUE, LIBERTÉ ET ANGOTISME À SARTRE: LA CONSTRUCTION POSSIBLE DE NOUS

Thiago Teixeira

### Resumo

Este artigo pretende lançar luz sobre a angústia ética anunciada por Jean-Paul Sartre em sua obra *O ser e o nada*: ensaio de ontologia fenomenológica. Ali buscaremos as bases de uma reflexão que nos permita pensar a liberdade humana a partir do engajamento e do comprometimento com o outro e com a situação. Neste sentido, traremos à tona a discussão acerca da responsabilidade que, na intenção de reformular a realidade, consolide a ultrapassagem dos valores de violência e de subjugação do outro. A grande força deste artigo é tensionar o debate de descentralização do sujeito rumo à construção de um horizonte humano, isto é, do nós.

**Palavras-chave:** ética, liberdade, responsabilidade, descentralidade, nós

### Résumé

Cet article a pour objectif de mettre en lumière l'angoisse éthique annoncée par Jean-Paul Sartre dans son ouvrage *L'être et le rien*: un essai sur l'ontologie phénoménologique. Nous y chercherons les bases d'une réflexion nous permettant de penser à la liberté de l'homme par rapport à l'engagement et à l'engagement envers l'autre et la situation. En ce sens, nous aborderons le débat sur la responsabilité qui, dans le but de reformuler la réalité, consolidera le dépassement des valeurs de violence et d'assujettissement de l'autre. La grande force de cet article est d'accentuer le débat sur la décentralisation du sujet vers la construction d'un horizon humain, c'est-à-dire des nœuds.

**Mots-clés:** éthique, liberté, responsabilité, décentralisation du sujet, nous

---

Artigo recebido em 20.12.2018. Aprovado em 05.02.2019

Mestre em Filosofia pela FAJE — Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Doutorando em Ciências Sociais pela PUC Minas. Professor do Departamento de Filosofia da PUC Minas. E-mail: thiagoteixeiraf@gmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

O existencialismo sartriano, por vezes, é lido a partir de uma lente subjetivista que, de modo perigoso, foge aos interesses do próprio filósofos. A sua perspectiva de liberdade fomenta, ao contrário, uma discussão ética que se estrutura na realidade concreta e, mais, como superação e uma existência autocentrada.

Ao explorarmos a angústia ética nos deparamos com a liberdade humana que, diante do mundo e dos outros, se responsabiliza pelo que empreende. A angústia descortina a existência humana e a lança nas possibilidades de ultrapassar a realidade como está. Neste sentido, compreendemos a necessidade de constituir uma vida autêntica e que seja tensionada pela situação e pelos outros, a fim de ultrapassar as realidades de subjugamento e não reciprocidade.

Neste trabalho, então, traçaremos um caminho pela compreensão da realidade humana como liberdade e, mais, da angústia que se manifesta como compreensão desta realidade de abandono no mundo e de necessidade de eleição e valor. Vale frisar que esta eleição desenha uma imagem de humanidade que constituímos. Logo, podemos agir de modo tal que o outro seja aparelhado como utensílio ou, ao contrário, que nos olhe e mostre que não somos o único projeto possível de existência humana.

O nosso itinerário abordará a angústia como pressuposto de uma condição que não está pronta e se constitui na dinâmica da responsabilidade radicam em relação a si mesmo, o outro e a situação. Ela emerge como requisição da liberdade que posiciona o mundo o percebe, questiona e ressignifica os valores a partir da ação e da eleição dos sujeitos. A questão que nos interessa, então, é verificar se na dinâmica da angústia ética é possível falar de um sujeito que se lança, de forma autêntica e corajosa, na construção de um nós.

## 2 A LIBERDADE E A ANGÚSTIA COMO TECIDOS DA REALIDADE HUMANA

Comumente o Existencialismo humanista de Sartre é reconhecido como uma filosofia da liberdade. Não raro, as discussões que se aproximam desta escola se esforçam significativamente em apresentar o que se entende, ali, como liberdade. Nós também acreditamos na força que este conceito contém nas discussões existencialistas, mas grifamos também na composição de uma possível ética que se desdobra desta discussão ontológica.

Estamos cientes de que não é possível inaugurar uma ética quando nos miramos apenas na ontológica, posto que ela, como anuncia Heidegger é a “doutrina do ser” (HEIDEGGER, 2012, p. 7). Logo, é possível dizer, numa compreensão modera, esta reflexão se vincula a descrição os modos de ser e, mais, de suas possibilidades. Não falamos de uma possibilidade ética que se encerre nos argumentos da ontologia, mas, que, noutra ponta, se desdobre a partir das discussões acerca da realidade humana e de sua liberdade concreta no mundo e que toca diretamente a outrem.

De modo notável Sartre, em *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*, empreende um movimento nesta descrição. Entendemos que o filósofo traça um caminho rumo a descortinar a realidade humana de possíveis compreensões substancialistas e que se apoiem na negação da possibilidade, em forma de má-fé. É possível compreender, inicialmente, uma cartografia dos modos de ser que, a *posteriori*, se desdobra e deixa exalar um teor altamente ético, posto que, ao descrever a realidade humana, Sartre deixa entrever o seu agudo compromisso e responsabilidade, consigo mesmo, com o outro e com o mundo.

Ao dizermos que o filósofo se esquivava de visões substancialistas nos aproximamos de sua crítica às visões técnicas de mundo. Para Sartre ao buscar sentido absoluto que justifique à vida a realidade humana se adequa à lógica da fabricação. Se pensamos numa possível criação ou fabricação do homem, somos inclinados a conceber que, em algum momento, o sentido da vida seria anterior a ela mesma. Apesar desta compreensão, o filósofo existencialista, enfraquece as compreensões que dão sentido ou verdade à realidade humana e, de modo agudo, anuncia a existência como possibilidade, como liberdade.

No instante em que lemos “a existência precede à essência.” (SARTRE, 2010, p. 23) compreendemos que Sartre deixa às claras uma profunda responsabilidade humana diante de seu próprio projeto existencial. Não há, para o filósofo, nenhuma justificativa ou sentido que anteceda e de fundamento à existência. Somos aquilo que fazemos de nós, a partir de nossas

escolhas concretas no mundo e em contraste a ele. A nossa essência se dá num fluxo e paradoxalmente reconhecemos o que somos neste movimento. A ambivalência deste processo está no que reconhecemos de nós, mas, ao mesmo tempo, esta percepção é um vir a ser, horizontal.

De forma bastante clara, ao alocarmos a responsabilidade radical frente à própria realidade humana, nos deparamos com a angústia. Ela aparece em nós, não como um mero sentimento, mas como efeito constitutivo de nossa condição: a liberdade. Ser a própria liberdade, neste prisma, implica em não considerar qualquer modalidade de existência que seja definida antes de acontecer, no mudo.

A angústia nos atravessa, posto que escolhemos constantemente o nosso projeto, bem como os seus efeitos. Há também uma responsabilidade pelo modo com que as nossas escolhas afetam aos outros. Neste sentido, somos condenados a sermos livres e, na mesma medida, radicalmente responsáveis pelos efeitos de nossas ações, posto que elas desenham e indicam uma humanidade concreta e em realização. De modo bastante claro, percebemos que a liberdade, assim, como a angústia, não é pressuposta abstratos, uma vez que se materializam na vida cotidiana e indicam que tipo de sujeito somos, a partir de nossas ações frente aos outros.

O reconhecermos que a existência humana se manifesta, em movimento. Entendemos que há uma relação direta entre a angústia e a possibilidade. Ela, a angústia, indica uma escolha que é do sujeito e que está diretamente ligada ao seu projeto. Embora este argumento possa soar radicalmente subjetivista ou egoísta, vale a pena pensar que este modelo de pensamento afirma que a escolha parte do sujeito e, mais, encontra nele o alcance de sua responsabilidade, mas, em tempo algum, descarta o alcance da escolha e da ação em relação aos outros.

A angústia pode ser compreendida como o temor das possibilidades, bem como dos efeitos que aparecem a partir de nossas adesões. Mas este temor não provoca inação, ao contrário. Toda escolha é uma ação e, mais, deixa às claras um valor elegido. Os nossos atos, assim como os fins que eles vislumbram, desenham os modelos de humanidade que criamos, de forma objetiva. Neste sentido, podemos dizer que a angústia aparece como a consciência de que somos livres e, no mesmo sentido, de que somos os sujeitos do valor.

O valor extrai seu ser de sua exigência, não sua exigência de seu ser. Portanto, não se entrega a uma intuição contemplativa o que apreenderia como *sendo* valor e, por isso mesmo, suprimisse seus direitos sobre minha liberdade. Ao contrário: o valor só pode se revelar a uma liberdade ativa que o faz existir como valor simplesmente por reconhece-lo como tal. Daí que a minha liberdade é o único fundamento dos valores e *nada*, absolutamente nada, justifica minha adoção desta ou daquela escala de valores. (SARTRE, 2009, p. 83).

Ao dizermos que a realidade humana pode ser dita como o lugar do valor e, ao mesmo sentido, da angústia, devemos colocar uma lente de aumento sobre a modalidade de ser que Sartre chama de para-si. Ele é o modo de ser que se diz por sua indefinição, ou seja, pela abertura de sentido e pela descompressão em seu ser. O para-si não tem desculpas ou sentido prévio que dê tônus à sua existência e, por isso, empreende um movimento rumo à si, através, de suas escolhas e ações.

Não há, no para-si, dentro ou fora, uma vez que seu ser não é idêntico a si. Embora ele deseje se totalizar, esse plano se torna frustrado. A condição do para-si o coloca diante do fracasso daquele desejo de totalidade, visto que seu ser não é dito por nenhuma substância ou identidade. Ele não coincide consigo e, por isso, a sua indefinição determina o seu ser.

A realidade humana, pela qual a falta aparece no mundo, deve ser ela própria uma falta. Porque a falta só pode vir ao ser pela falta: o Em-si não pode ser motivo de falta ao Em-si. Em outros termos para que haja ser faltante ou faltado, é necessário que o ser se faça a sua própria falta; somente um ser falto pode transcender o ser rumo ao faltado. (SARTRE, 2009, p. 137).

A falta surge no mundo através da realidade humana que constata sua não totalidade, embora a deseje. Temos, então, a realidade humana, o desejo de totalidade e a falta que se manifesta todas as vezes que escolhemos e indicamos nossa incompletude. Nós transcendemos, de modo horizontal, rumo à constituição de nossa existência. Esta construção da nossa essência se dá em contraste com o mundo que nos circunda, o que podemos compreender como as condições de adversidade e, ao mesmo tempo, diante dos outros que também aparecem como liberdades.

A descompressão do ser que determina a realidade humana, para nós, se torna um importante elo para que falemos de uma ética existencialista. Ela se alinha á discussão acerca do valor e da responsabilidade que retira o sujeito de um lugar isolado. Ao dizermos que a liberdade se assenta na adesão e na (re)configuração dos valores e, na mesma medida, no modelo de ação que empreendemos, identificamos uma linha estreita entre a liberdade e o esforço ético de construir um horizonte mais humano, a partir da horizontalidade que também é humana.

É possível que tratemos da angústia como a consciência de que estamos diante dos outros e, mais, que a construção de um nós se dá no instante em que compreendemos a diferença como fator preponderante da condição humana. Acreditamos numa leitura ética a partir destes pressupostos, posto que eles nos inclinam à compreensão dos impactos de nossas ações e, mais, qual tipo de humanidade estamos no curso de constituir.

### 3 ANGÚSTIA ÉTICA: UM PERCURSO DO EU AO NÓS

Nos limites do Existencialismo, nós apreendemos a angústia como uma manifestação da liberdade que, de modo profundo, designa a realidade humana. Neste mesmo contexto, é possível correlacioná-la a criação de valor. Há aqui, o aceno à responsabilidade como uma faceta da condição de inexorável possibilidade, do sujeito humano.

Ao escolhermos designamos o valor e, em certa medida, ressignificamos o contexto no qual somos lançados, sem desculpas. Assim, a angústia se manifesta frente à possibilidade de existir e de construir a si mesmo, no mundo, junto aos outros. Pensamos que, no fim das contas, esta manifestação da liberdade está diretamente ligada aos modos de ser que elegemos e, mais, à imagem de humanidade que, de modo concreto, elegemos. Há, então, na angústia, um profundo aceno ético.

Em Sartre lemos que a angústia ética se relaciona diretamente ao valor, posto que o seu lugar de origem é o mesmo: a realidade humana. É no sujeito que emerge a angústia, posto que ele deve escolher. No instante em que ele escolhe rompe com qualquer designação de absoluto e deixa entrever um desnível de ser. O valor se desdobra da condição livre do homem e, além disso, se estabelece nos limites da responsabilidade e da ação. Neste sentido, podemos dizer que a angústia ética nos apresenta a consolidação de um nós, ao passo que as ações dos indivíduos não são isoladas e, portanto, constroem um lugar que, por esse motivo, chamamos de humano.

Ao apresentarmos o ser do para-si como o ser do valor, devemos resgatar o projeto ontológico apresentado em *O ser e o nada*. Ali identificamos uma modalidade de ser que é abertura e não se encerra em si mesmo. Sua realidade o lança para fora rumo ao mundo e a si mesmo, como garantia de uma transcendência horizontal expressada pela intencionalidade da consciência. Ele, o ser do para-si, empreende um movimento rumo a si mesmo ao nadificar as coisas e ao perceber a sua condição de inadequação. Neste sentido. Que a realidade humana está constantemente em processo de fazer-se, bem como a moral que ele requisita. O valor, por nascer da condição humana e de suas escolhas concretas no mundo, indica o processo de alteração e, em muitos contextos, de subversão da realidade, na tentativa de constituir um novo sentido para o que compreendemos e elegemos como existir.

Tratamos de valores que, ao transcender a realidade, ampliem à percepção do que é legitimado como humano e, retire existências de um ponto cego que, em Sartre, é considerado

como uma “aparição banal” (SARTRE, 2009, p. 328). Neste sentido, pensamos o valor como possibilidade de romper com estatutos de não reciprocidade de manutenção do outro como utensílio.

Destituir o outro, através do olhar, de uma consciência tem impactos nefastos quando tratamos de um horizonte de eticidade, visto que rompemos com uma estrutura de reciprocidade. Entendemos, também, que essa lógica de reciprocidade não é harmônica, tampouco, linear, mas não podemos deixar de frisar nossa compreensão de que mesmo na tensão os sujeitos devem ser vistos uns pelos outros, na sua condição de existente e humano e não como uma existência objetificada. (TEIXEIRA, 2018, p. 121).

A distinção que é apresentada na dinâmica do olhar, isto é, a tensão que emerge da relação entre olhar e ser visto, faz com que a nossa experiência do outro seja desarticuladora. Se compreendemos que o outro sujeito é aquele que nos vê, sentimos uma descompressão no nosso ser e saímos desse lugar centralizado. Estar diante de alguém que nos olha é ter acesso à diferença como expressão da realidade humana. Entendemos que a angústia ética se atém a esse dado, ou seja, a fuga das posições centralizadoras e violentas da realidade, rumo à configuração do nós.

Ao fugirmos da lógica da aparição banal, deixamos para atrás uma percepção rasa do outro como composição objetiva do mundo. Ele deixa de ser objeto e, portanto, se aloca num lugar de possibilidade, inclusive de ser diferente de nós. Aqui está, para nós, o grande desafio da angústia ética, isto é, perceber que essa ultrapassagem para uma nova realidade permanece constantemente na tensão entre o eu e o outro que é a expressão daquilo eu não sou, pois ele, nesse sentido, responsável e autêntico, “me foge por principio e jamais me pertencerá” (SARTRE, 2009, p. 336).

Ao assumimos o viés de uma ontologia-fenomenológica, o valor, que se origina das adesões a ações do homem em resposta ao mundo em que ele habita, supõem uma ultrapassagem. Neste prisma, é possível falar de alteração da realidade, posto que ela não propicia a reciprocidade entre os sujeitos que, de alguma forma, incidem sobre os outros na tentativa de os totalizar.

O método fenomenológico — que ao mesmo tempo é uma crítica ao cientificismo, ao objetivismo, à reificação da consciência —0 consiste em revelar uma existência concreta, um sujeito concreto que é justamente *transcendência*, isto é, que está mais além de sua simples presença material e imediata no mundo. Transcendência, naturalmente, não como uma ultrapassagem *vertical* de cima, para *outro* mundo. No sentido fenomenológico, a expressão *transcendência* da consciência designa simplesmente que a consciência é, em essência, *ultrapassagem de si mesmo* rumo ao próprio futuro. (PFIEL, 2008, p. 151).

A interdependência entre condição humana e valor atestam o peso de existir e, mais, deixa entrever a responsabilidade radical pelo que fazemos no mundo junto aos outros. Se, de algum modo, vivemos uma realidade que oprime e massacra as existências, é preciso ressignificar esta situação com vistas à elaboração de uma nova realidade.

Ao compreender a realidade o sujeito é tensionado a alterá-la. Se, de algum modo, as relações entre os homens se modulam na reificação e na alienação é preciso requisitar e promover, através de novos valores, a liberdade que antecede à essa condição turva da condição humana. Ao escolher pela reciprocidade das relações, constituímos um nós que enxerga o outro e sua liberdade, pois, segundo Sartre, “não se escraviza um pedregulho ou uma máquina: se escraviza e se aliena um homem que, primeiramente, é livre.” (SARTRE, 1986, p. 390).

Ao identificarmos na realidade humana uma condição “*sofredora*” (SARTRE, 2009, p.141, grifo nosso), isto é, uma constante inadequação, percebemos duas questões principais: a) há um risco nas totalizações da existência, ou seja, uma violência ao vetar o outro de existir, enquanto projeto; b) a possibilidade com estrutura fundamental da realidade humana que se abre a novas e mais amplas formas de percepção do outro.

Através do olhar do outro nós também experimentamos e tomamos consciência de nossa situação. Assim, é possível enxergar a dimensão da responsabilidade que exala desse fluxo contínuo das liberdades que se entrecruzam e se chocam. Nesse encontro tomamos consciência da situação e do tempo. Neste sentido, podemos dizer que é possível identificar as estruturas de violências que permeiam as relações no instante em que olhamos e somos olhados.

A constante investida de perpetuar estruturas de subjugamento atende à lógica de supressão da diferença e do conflito. Entendemos que Sartre, em tempo algum, considera que a relação entre os sujeitos é essencialmente positiva, visto que todo encontro se estrutura nas liberdades que se realizam divergência. Por vezes, a centralidade os sujeitos, a se fechar no eu, não abrem espaço para a consolidação do nós, diverso e polifônico. O mais nocivo neste processo está na criação de um destino insuperável e na naturalização destas violências.

O estado de dispersão dos indivíduos, em que não há reciprocidade, onde cada qual vive em seu isolamento, na total alteridade, atuando em um campo comum de escassez, faz prevalecer a sensação de impotência geral. A situação apresenta-se como “não podendo ser ultrapassada”, já que parece impossível agir de modo diferente. (PERDIGÃO, 1995, p. 200).

A elaboração de um *nós-sujeito* vai na contramão dessa consciência que posiciona tudo que nos escapa como realidade objetiva e opaca. Compreendemos que esta constituição requer

o esforço que se esconde na compreensão de que somos impactados por outros que existem e, mais, que são distintos. Há na angústia ética a constatação que somos responsáveis pelo fazemos de nós, mas, ao mesmo tempo, a percepção de que também somos afetados e afetamos os outros, desde que não nos coloquemos constantemente em posições monológicas de mundo. O que interessa questionar é o quanto estamos dispostos a nos descentralizar.

#### 4 A DESTRUIÇÃO DO SUJEITO IMPENETRÁVEL

Seguimos na direção em que a angústia é lida ao lado da escolha e na resignificação do mundo e dos valores que nos cercam. Pensamos que este exercício ético é possível no momento em que não nos percebemos como sujeitos universais, mas relacionais.

Ao passo que temos consciência de nossa realidade no mundo, identificamos que ela não é solitária e, mais, que ao nos engajarmos em nossa vida somos também tensionados a coabitar a situação, assumindo as múltiplas manifestações da realidade humana que ali estão. Identificamos que, em Sartre, é possível denunciar o risco em constituir-se alheio à dimensão de alteridade e reconhecendo a si mesmo e aos que são seus “pares” como sujeitos universais e impenetráveis.

Estamos agora em condições de compreender o anti-semita. É um homem que tem medo. Não dos judeus, certamente: de si próprio, de sua consciência, de sua liberdade, de seus instintos e de suas responsabilidades, da solidão, da modificação da sociedade e do mundo; de tudo salvo dos judeus. É um covarde que não quer confessar a sua covardia; um assassino que recalca e censura sua tendência de homicídio sem poder refreá-la e que, no entanto, só ousa matar em efígie ou no anonimato de uma multidão; um descontente que não se atreve a revoltar-se por receio das consequências de suas revoltas [...] Escolhe a permanência de e a impenetrabilidade da pedra, a irresponsabilidade total do guerreiro que obedece aos seus chefes, e não tem chefe [...] O judeu não é um caso senão um pretexto: em outra parte, será utilizado o negro e, em outra, o amarelo [...] O anti-semita é o homem que deseja ser rochedo implacável, torrente furiosa, raio devastador: tudo, menos homem. (SARTRE, 1968, p. 30-31).

A estrutura nociva de supressão do outro alimenta um desejo intenso de preservar a si, como única existência possível. Neste contexto, é possível identificar a naturalização de ações que visam o aniquilamento do outro, posto que, como utensílio, ele compõe e ornamenta o mundo, junto às coisas.

A inabilidade de perceber a si como alguém diante “de” preserva e intensifica o desejo de aparelhar o outro, a partir de nossos interesses. Como é possível traçar um horizonte do nós, se assumimos como potência a dimensão de um ego impenetrável e, na realidade da má fé,

totalizado e supostamente legítimo? Ao dizer que o nosso modelo de projeto é o único válido totalizamos a existência de damos a ela uma categoria objetual. Ao empreender este tipo de projeto, para se preservar, o sujeito empreende violências exponenciais.

Ademais, ao universalizarmos o nosso projeto e existência descolamos o valor da realidade e, por esse motivo, nos tornamos humanos que criam para si valores que desvigoram nosso poder de escolha e, em consequência, criam horizonte estranho a todos e todas. É má fé, no instante em que mentimos, ora dizendo que somos universais, ora percebendo o outro como um objeto ornamentando o mundo.

Em Sartre lemos que a covardia está no desejo de se colocar no eixo do mundo, posto que existir, de modo autêntico e livre, consiste em assumir os riscos de lança-se para fora de si, no mundo e diante dos outros. A covardia é a supressão da possibilidade posta numa redoma de vidro que é frágil, mas que dá ao sujeito sensação de segurança. Impressão esta que se quebra no primeiro instante em que ele posiciona o mundo que, como sabemos, é constituído pelas diferenças. Elas se manifestam à consciência, como fenômeno.

A universalização de um modelo de existência cria uma atmosfera maniqueísta de bem e mal, ou seja, de um lado estão aqueles que são legítimos e do outro lado, ou melhor, abaixo deles estão aqueles que devem ser guiados, salvos ou aniquilados. Notemos que nos três casos, a dissonância é sinal de repulsa e afastamento. O que o outro tem a nos oferecer é perverso e não pode nos tocar. Esse desejo sádico de afastamento faz parte do que, em Sartre, podemos compreender como covardia.

A coragem, noutra ponta, longe de uma compreensão de virtude aos moldes gregos, isto é, de uma manifestação da natureza de alma e que segue um projeto teleológico. Ela está, neste prisma, no lugar da construção, na escolha e no engajamento por si, pelo mundo e pelos outros. Ela está, no horizonte do existencialismo, próxima à falência do homem e não de sua natureza de alma que se inclina à virtude. Sua realidade não é heroica ou absoluta, pois é afetada pelo sofrimento, pela falta e pela possibilidade.

Neste prisma, ela se orienta na direção da responsabilidade. Ser corajoso é, ao mesmo tempo, assumir a possibilidade como eleição do valor. Assim é possível aproximar a coragem da angústia ética. Ela caminha na direção da solidariedade, posto que ambas são construídas a partir de um valor que integra o outro, enquanto outro. Ao desarticular esta compreensão impenetrável de minha existência entendo que “*sou* minhas ações e *sou* também os motivos pelos quais eu as pratico.” (SILVA, 2004, p. 138).

A angústia ética desmascara esse desejo irresponsável, uma vez que ela se determina pelo valor elegido frente à todas as possibilidades. Ademais, ela indica que há uma responsabilidade direta por todos sujeitos envolvidos na situação. Ela, a angústia, requisita uma ação constituinte de valor e, mais, que demonstre que o outro faz parte desse lugar de coabitação e me tensiona, posto que é dispo de mim. Assim, é possível dizer que a angústia ética não “é uma cortina a nos separar da ação, mas antes, faz parte da ação em si.” (SARTRE, 2010, p. 31).

O caminho de destruição do sujeito impenetrável e, em consequência, da manutenção de um estado de coisas que oblitera a liberdade do outro passa pelo que compreendemos, em Sartre, como responsabilidade radical. Neste sentido, tratamos de uma conversão moral, no sentido de uma ação reflexiva e autêntica que alcança e se coloca diante dos outros.

A autonomia autêntica da liberdade não é um fim em si mesmo, tampouco designa uma qualidade do próprio ser apreendida pela consciência. A autenticidade indica uma *atitude reflexiva* face às próprias ações e uma *atitude compreensiva* diante das ações dos outros, colocando-nos em contato com o cerce da conversão moral”: a revelação do processo que conduz a consciência da inautenticidade à autenticidade e que, ao mesmo tempo, leva à transformação das estruturas da ação, em nível tanto subjetivo como intersubjetivo. Sartre recusa todos e quaisquer determinismos presentes na moral do dever e seus valores universais, bem como uma moral axiológica e sua hierarquia dos valores, em nome de uma moral ontológica da liberdade concreta, da autonomia autêntica e da escolha. (ALMEIDA, 2016, p. 59).

Ao permanecermos conscientes do impacto de nossas ações e, mais, de que a realidade do outro nos escapa e, por isso, exige de nós a habilidade de lidar, constantemente, com a tensão, somos capazes de ressignificar os valores que subjugam e encerram o outro num estado de utensílio. Assim, falamos de uma ética real e concreta que se estrutura, no momento onde “a reciprocidade não tem nenhuma mediação normativa. Ela se produz precisamente como uma recusa a alienação ontológica.” (CASTRO, 2016, p. 266).

## CONCLUSÃO

Chegamos até aqui na tentativa de demonstrar as modulações do projeto humano rumo à consolidação de uma perspectiva concreta de alteridade. Neste sentido, destacamos a necessidade de compreender a angústia ética como panorama de percepção da radicalidade da escolha e da liberdade. Ademais, como indicativo de que a alteridade, em Sartre, não oblitera a tensão e a diferença.

O nosso intuito esteve exatamente aqui, isto é, demonstrar a necessidade de uma configuração de alteridade que incorpore a diferença e a tensão. Acreditamos que estes elementos tornam possível um horizonte de reciprocidade sincera, isto é, entre sujeitos que se olham e reconhecem a necessidade de construir valor a partir do encontro tensionado e não sob a égide de leituras humanas supostamente legítimas e universalizadas.

Torna-se possível a discussão ética, neste prisma, posto que o sujeito reconhece a sua total incompletude e, mais, a necessidade de colocar a si mesmo, o mundo e os valores à prova, numa dinâmica de ultrapassagem e de conversão moral. Assim, a angústia ética requisita uma compreensão do mundo a partir da descentralidade do sujeito e, mais, como esforço corajoso na direção de uma situação na qual os sujeitos assumam a diferença, a tensão e a reciprocidade e ultrapassagem as dinâmicas de violência que se modulam em universalismos abstratos ratificadores do eu.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz. **Sartre: direito e política**. São Paulo: Boitempo, 2016.

CASTRO, Fábio Caprio Leite. **A ética de Sartre**. São Paulo: Loyola, 2016.

HEIDEGGER, Martin. **Ontologia: hermenêutica e facticidade**. Tradução de Renato Kirchner. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

LEOPOLDO E SILVA, Franklin. **Ética e literatura em Sartre: ensaios introdutórios**. São Paulo: UNESP, 2004.

PERDIGÃO, Paulo. **Existência & Liberdade: uma introdução à filosofia de Sartre**. Porto Alegre: L&PM, 1995.

PFIEL, Claudio Luis. Moral em Sartre: uma porta para o possível. In: CESAR, Marcondes Constança; BULCÃO, Marly (Org.). **Sartre e seus contemporâneos**. Ética, racionalidade e imaginário. São Paulo: Idéias& Letras, 2008. p.147-161.

SARTRE, Jean Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Petrópolis: Vozes, 2010.

SARTRE, Jean Paul. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. 18.ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

SARTRE, Jean-Paul. **Reflexões sobre o racismo**. Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1965.

SARTRE, Jean-Paul. **Sartre no Brasil- A conferência de Araraquara: filosofia marxista e ideologia existencialista**. Tradução Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Paz e Terra: UNESP, 1986.

TEIXEIRA, Thiago. O outro e a solidariedade: o existencialismo sartriano como percepção do cisma ético contemporâneo. **VirtuaJus**, Belo Horizonte, v. 3, n. 4, p. 116-127, 1º sem. 2018 –